

X DOMINGO COMUM A | 11.06.2023

**IDE APRENDER
O QUE SIGNIFICA:
«PREFIRO A MISERICÓRDIA
AO SACRIFÍCIO»!**



Abraça o presente
PARÓQUIA DE NOSSA
SENHORA DA HORA
Juntos por um caminho novo | 2022-2023

I. RITOS INICIAIS

Procissão e cântico de Entrada | Saudação inicial | Monição de Entrada:

P. Estamos a celebrar o X Domingo Comum, passadas já as grandes festas e Solenidades! Mas a Liturgia de hoje permite-nos retomar os fios e recapitular os desafios das Solenidades da Santíssima Trindade e do Santíssimo Corpo e Sangue de Cristo. Porque nos desafia a conhecer o rosto misericordioso de Deus e porque somos chamados a fazê-lo à mesa da Eucaristia, com o Senhor. Deixemos então que o olhar misericordioso de Jesus pouse e repouse sobre nós, para que nos toque e transforme o coração, para que nos levante do chão, nos sente à mesa e nos torne servidores da alegria do Evangelho

Kyrie

P. Senhor, que fostes enviado pelo Pai a salvar os corações atribulados, Senhor, misericórdia!

R. Senhor, misericórdia!

P. Cristo, que viestes chamar os pecadores, Cristo, misericórdia.

R. Cristo, misericórdia!

P. Senhor, que estais à direita do Pai a interceder por nós, Senhor, misericórdia.

R. Senhor, misericórdia!

Hino do Glória

Oração coletiva

II. LITURGIA DA PALAVRA

Homilia no X Domingo Comum A 2023

Há dois fios ou desafios, que ligam a Liturgia da Palavra deste Domingo àquelas que escutávamos nas duas últimas solenidades.

1. O primeiro fio ou desafio é o do conhecimento do verdadeiro rosto de Deus: um Deus, rico em misericórdia! No passado Domingo da Santíssima Trindade, descobríamos que o Deus revelado a Moisés não é um deus duro, como as pedras da Lei, mas «*um Deus cheio de misericórdia e fidelidade*». É um Deus com entranhas de amor, de compaixão, «*um Deus clemente e compassivo*» (Ex 34,6). Essa bela imagem de Deus reaparece-nos hoje na Profecia de Oseias. O Profeta desafiava-nos a procurarmos conhecer o verdadeiro rosto do Senhor e desconcertava-nos com esta confissão final do nosso Deus: “*Eu prefiro a misericórdia ao sacrifício*” (Os 6,6). Oseias desvenda-nos assim a imagem de um Deus que nos ama com a paixão de um verdadeiro amor e que nada mais no pede em resposta ao Seu amor senão o nosso amor por Ele. Será, porém, Jesus, a revelar, na chama e na luz do Seu olhar de benevolência, o rosto da misericórdia do Pai. É, pois, muito significativo que Jesus recorra à Profecia de Oseias, para justificar a escolha de Mateus: “*Eu prefiro a misericórdia ao sacrifício*” (Mt 9,13; Os 6,6). O cobrador de impostos era visto como um pecador insuportável e irrecuperável, a manter à maior distância possível, mas é precisamente esse pecador que Jesus Se aproxima e olha com misericórdia! O desafio de Jesus, perante o escândalo daquela escolha é o mesmo de Oseias: o de aprendermos a conhecer o verdadeiro rosto de Deus, que vê o coração, que vê com o coração e transforma a nossa vida com o Seu olhar. É possível um arrecadador de impostos levantar-se do seu posto e transformar-se num servidor! O olhar de Jesus transforma os nossos olhares, o seu coração transforma o nosso coração. Então, para conhecer e amar a Deus, não é preciso ser uma pessoa perfeita, mas simplesmente ter um coração misericordioso. O que mais nos afasta de Deus não é a nossa condição de pecadores, mas a soberba e o

orgulho de quem se julga bom e salvo pelos seus méritos. Na verdade, a nossa fragilidade não afasta, antes atrai o olhar misericordioso do Senhor. Este Evangelho desafia-nos, portanto, a aprender a conhecer Deus, desaprendendo e desprendendo-nos de falsas imagens e representações que temos e fazemos de Deus. Quantas vezes, imaginamos um deus implacável, cuja ira julgamos aplacar com os nossos sacrifícios e penitências, quando afinal Ele é um Deus, que nos precede e excede no Seu Amor. Com Ele, uma simples troca de olhares, muda a vida inteira. Puxemos por este fio e desafio: conhecer o rosto misericordioso do Senhor, sendo misericordiosos como o Pai.

2. Mas há **um segundo fio ou desafio**, na liturgia deste dia, e que nos religa especialmente à passada quinta-feira: para conhecer verdadeiramente Deus, é preciso aprender a saboreá-l'O. A sabedoria divina é alcançada mais pelo sabor do que pelo saber: «*Saboreai e vede como o Senhor é Bom*», diz o salmista (Sl 33/34). Por isso, Jesus escolhe a mesa, como lugar privilegiado para a revelação do Seu amor, do perdão e da misericórdia. Jesus faz da mesa, do comer e do beber, do estar e do conviver com os pecadores, uma escola prática de sabedoria evangélica, onde o verdadeiro *saber* começa pelo *saborear* da Palavra e do Pão da Vida. Puxemos por este fio e desafio: aproximando-nos da Eucaristia, alimentemo-nos do Corpo e Sangue de Jesus, que “*não é um prémio para os perfeitos, mas um remédio generoso e um alimento para os fracos*” (EG 44; AL, 305, nota 351).

3. Caríssimos irmãos e irmãs: depois das grandes festas e solenidades, retomamos agora o Tempo Comum, o tempo quotidiano, em que as surpresas de Deus, passam mais pelos lugares-comuns da nossa vida, quantas vezes à mesa do nosso trabalho, do que pela emoção dos grandes dias e acontecimentos. É um tempo longo, favorável à lenta aprendizagem de Deus! Com estes dois desafios, o da experiência da misericórdia divina e o da participação na mesa da Eucaristia, procuremos conhecer, saborear, ver e mostrar a todos como o Senhor é Bom!

Oração dos Fiéis | X Domingo Comum A 2023

P. Ao Deus do amor, da alegria e da festa, confiamos as preces da Igreja, invocando-o cheios de fé: **R.** «Senhor, misericórdia»!

1. Porque a Igreja é santa e pecadora em cada um dos seus membros e necessita da penitência do coração e da graça do Vosso perdão, Senhor, nós Vos invocamos: **R.** «Senhor, misericórdia»!

2. Porque no governo das nações, faltam a justiça, a tolerância, a solidariedade e o perdão, Senhor, nós Vos invocamos: **R.** «Senhor, misericórdia»!

3. Porque tantas vezes marginalizamos os pobres, julgamo-nos perfeitos e condenamos os outros, Senhor, nós vos invocamos: **R.** «Senhor, misericórdia»!

4. Porque tantas vezes não queremos largar os lugares seguros da nossa vida, para nos levantarmos, Vos seguirmos e servirmos nos irmãos, Senhor, nós Vos invocamos: **R.** «Senhor, misericórdia»!

5. Porque na Cruz de Cristo foram redimidos todos os pecados e na mesa da Eucaristia celebramos o sacrifício da nossa reconciliação, Senhor, nós vos invocamos: **R.** «Senhor, misericórdia»!

P. Nós vos invocamos, Senhor, no dia da tribulação e vos nos livrais de todo o mal. Por isso nos confiamos à grandeza da Vossa misericórdia, manifestada em Jesus Cristo, Vosso Filho, que é Deus e convosco vive e reina na unidade do Espírito Santo, pelos séculos dos séculos.

R. Ámen.

III. LITURGIA EUCARÍSTICA

Apresentação dos dons | Cântico de ofertório | Oração sobre as Oblatas | Prefácio
Dominical X | Santo | Oração Eucarística II | Ritos da Comunhão:

Rito da Paz

P. Misericórdia e Eucaristia são dois fios inseparáveis da nossa relação com Deus: Por isso, diz o Senhor, «se fores levar a tua oferta ao altar e aí te recordares que o teu irmão tem algo contra ti, deixa a tua oferta e vai primeiro reconciliar-te com o teu irmão». É uma exigência de verdade num culto espiritual autêntico.

Diácono: Neste espírito, saudai-vos na Paz de Cristo!

Ritos da Comunhão

IV. RITOS FINAIS

Agenda pastoral

1. Formação sobre Pastoral da Saúde, quarta-feira, 21h30, no salão paroquial de Leça da Palmeira. O objetivo é dinamizar esta área pastoral. Faço este apelo e estendo pessoalmente este convite a médicos, enfermeiros, visitantes de doentes, voluntários do hospital, diáconos, ministros extraordinários da comunhão, vicentinos, cuidadores formais ou informais e a todas as pessoas que queiram colaborar na perspetiva do desenvolvimento de uma saúde integral.

2. Missas, durante a semana; terça e quarta. Não haverá Missa na quinta-feira (há em Guifões) nem na sexta-feira (por ter um encontro formativo com catequizandos do 6.º ano às 18h30).
3. Sexta-feira, às 21h30, em Leça do Balio, Invoca Matosinhos, com os diáconos da Vigararia.
4. Próximo sábado, às 15h00, jovens têm «tarde de Francisco» para explorar os três temas: ecologia, misericórdia e fraternidade.
5. Próximo sábado, 1.º encontro da segunda edição dos encontros de preparação para o Matrimónio.
6. Missas no próximo fim de semana: sábado, às 09h00, domingo às 10h00 (com boa parte dos lugares reservados para a Festa da Profissão de Fé) e às 19h00. A partir do dia 25, retomamos os horários habituais: sábados, às 19h00 e domingos às 11h00 e às 19h00.

Bênção

Despedida

P. Ide aprender, ensinar e praticar o que significa «eu prefiro a misericórdia ao sacrifício» (Mt 9,13; Os 6,6).

Diácono: Ide em Paz e que o Senhor vos acompanhe!

R. Graças a Deus.

Oração de Bênção da mesa | 11.06.2023

Senhor,

Tu fizeste da mesa

o lugar da convivalidade,

da partilha e da alegria,

do Pão, da Paz e do perdão

e da misericórdia oferecida

ao nosso pobre coração.

Senhor,

Tu que comes com os pecadores

senta-Te à nossa mesa,

e cura-nos da fria tristeza,

para nos levantarmos depressa,

Te seguirmos e Te servirmos

nos mais pobres dos irmãos.

Ámen.

**OUTRAS HOMILIAS
DO X DOMINGO COMUM
E TEXTOS SOBRE
A VOCAÇÃO DE MATEUS**

HOMILIA DO PAPA FRANCISCO SOBRE A VOCAÇÃO DE MATEUS

21.09.2015

Mateus conta-nos, no seu Evangelho, como foi o encontro que marcou a sua vida, introduzindo-nos, numa «troca de olhares» que pode transformar a história. Um dia, como outro qualquer, estava ele sentado no posto de cobrança de impostos, quando Jesus passou, viu-o, aproximou-se e disse-lhe: «Segue-me». E ele, levantando-se, seguiu-O.

Jesus olhou para ele. Que força de amor teve o olhar de Jesus para mover assim Mateus! Que força deviam ter aqueles olhos para o levantar! Sabemos que Mateus era um publicano, ou seja, cobrava os impostos dos judeus para os entregar aos romanos. Os publicanos eram malvistas, até considerados pecadores, e por isso viviam separados e eram desprezados pelos outros. Com eles, não se podia comer, falar nem rezar. Eram considerados pelo povo como traidores: tiravam da sua gente para dar aos outros. Os publicanos pertenciam a esta categoria social.

E Jesus parou, não passou ao largo acelerando o passo, olhou-o sem pressa, olhou-o com calma. Olhou-o com olhos de misericórdia; olhou-o como ninguém o fizera antes. E aquele olhar abriu o seu coração, fê-lo livre, curou-o, deu-lhe uma esperança, uma nova vida, como a Zaqueu, a Bartimeu, a Maria Madalena, a Pedro e também a cada um de nós. Mesmo quando não ousamos levantar os olhos para o Senhor, o primeiro a olhar-nos é sempre Ele. É a nossa história pessoal; tal como muitos outros, cada um de nós pode dizer: eu também sou um pecador, sobre quem Jesus pousou o seu olhar. Convido-vos a que hoje, em vossas casas ou na igreja, quando estiverdes tranquilos, sozinhos, façais um tempo de silêncio recordando, com gratidão e alegria, as circunstâncias, o momento em que o olhar misericordioso de Deus pousou sobre a nossa vida.

O seu amor precede-nos, o seu olhar antecipa-se à nossa necessidade. Jesus sabe ver para além das aparências, para além do pecado, para além do fracasso ou da nossa indignidade. Sabe ver para além da categoria social a que possamos pertencer. Ele vê para além de tudo isso. Ele vê a dignidade de filho que todos temos, talvez manchada pelo pecado, mas sempre presente no fundo da nossa alma. É a nossa dignidade de filhos. Veio precisamente à procura de todos aqueles que se sentem indignos de Deus, indignos dos outros. Deixemo-nos olhar por Jesus, deixemos que o seu olhar percorra as nossas veredas, deixemos que o seu olhar nos devolva a alegria, a esperança, o gozo da vida.

Depois de olhá-lo com misericórdia, o Senhor disse a Mateus: «Segue-Me». E Mateus levantou-se e seguiu-O. Depois do olhar, a Palavra. Depois do amor, a missão. Mateus já não é o mesmo; mudou intimamente. O encontro com Jesus, com o seu amor misericordioso, transformou-o. E para trás ficou a mesa dos impostos, o dinheiro, a sua exclusão. Antes, ele esperava sentado para arrecadar, para tirar aos outros; agora, com Jesus, tem de se levantar para dar, para entregar, para se dar aos outros. Jesus olhou-o, e Mateus encontrou a alegria no serviço. Para Mateus e para quantos sentiram sobre si o olhar de Jesus, os compatriotas deixam de ser aqueles à custa de quem «se vive», usando e abusando deles. O olhar de Jesus gera uma atividade missionária, de serviço, de entrega. Aqueles a quem Ele serve, são os seus compatriotas. O seu amor cura as nossas miopias e incita-nos a olhar mais além, a não nos determos nas aparências ou no politicamente correto.

Jesus vai à frente, precede-nos, abre o caminho e convida-nos a segui-Lo. Convidamos a ir superando lentamente os nossos preconceitos, as nossas resistências à mudança dos outros e até de nós mesmos. Desafia-nos dia a dia com uma pergunta: Crês tu? Crês que é possível que um arrecadador de impostos se

transforme num servidor? Crês que é possível um traidor transformar-se num amigo? Crês que é possível o filho de um carpinteiro ser o Filho de Deus? O seu olhar transforma os nossos olhares, o seu coração transforma o nosso coração. Deus é Pai que procura a salvação de todos os seus filhos.

Deixemo-nos olhar pelo Senhor na oração, na Eucaristia, na Confissão, nos nossos irmãos, especialmente naqueles que se sentem postos de lado, que se sentem mais sozinhos. E aprendamos a olhar como Ele nos olha.

Partilhemos a sua ternura e misericórdia pelos doentes, os presos, os idosos e as famílias em dificuldade. Uma vez mais somos chamados a aprender de Jesus, que sempre olha o que há de mais autêntico em cada pessoa, isto é, a imagem de seu Pai.

Papa Francisco | Audiência Geral | Ano da Misericórdia

13.04.2016

Mateus era um «publicano», ou seja, um cobrador de impostos em nome do império romano, e por isso era considerado pecador público. Mas Jesus chama-o para o seguir e para se tornar seu discípulo. Mateus aceita e convida-o para jantar na sua casa juntamente com os discípulos. Então, começa um debate entre os fariseus e os discípulos de Jesus, porque estes compartilham a mesa com os publicanos e os pecadores. «Mas tu não podes ir à casa desta gente!», diziam eles. Com efeito, Jesus não os afasta, mas, pelo contrário, frequenta as suas casas e senta-se ao seu lado; isto significa que também eles podem tornar-se seus discípulos. E é igualmente verdade que ser cristãos não nos torna impecáveis. Como o publicano Mateus, cada um de nós confia na graça do Senhor, não obstante os próprios pecados. Todos nós somos pecadores, todos cometemos pecados. Chamando Mateus, Jesus mostra aos pecadores que não tem em consideração o passado deles, nem a sua condição social, nem sequer as convenções exteriores, mas, ao contrário, abre-lhes um novo futuro. Certa vez ouvi um bonito ditado: «Não há santo sem passado, nem pecador sem futuro». É isto que Jesus faz. Não há santo sem passado, nem pecador sem futuro. É suficiente responder ao convite com o coração humilde e sincero. A Igreja não é uma comunidade de pessoas perfeitas, mas de discípulos a caminho, que seguem o Senhor porque se reconhecem pecadores e necessitados do seu perdão. Por conseguinte, a vida cristã é escola de humildade que nos abre à graça.

Este comportamento não é compreendido por quantos têm a presunção de se julgar «justos», de achar que são melhores que os outros. Soberba e orgulho não nos permitem reconhecer-nos necessitados de salvação, aliás, impedem-nos de ver o rosto misericordioso de Deus e de agir com misericórdia. Elas são um muro.

A soberba e o orgulho são um muro que impedem a relação com Deus. E no entanto, a missão de Jesus é precisamente esta: vir à procura de cada um de nós, para curar as nossas feridas e para nos chamar a segui-lo com amor. Di-lo claramente: «Não são os que têm saúde que precisam de médico, mas sim os doentes» (v. 12). Jesus apresenta-se como um bom médico! Anuncia o Reino de Deus, e os sinais da sua vinda são evidentes: Ele cura das doenças, liberta do medo, da morte e do demónio. Diante de Jesus, nenhum pecador deve ser excluído — nenhum pecador deve ser excluído! — porque o poder purificador de Deus não conhece enfermidades que não possam ser curadas; e isto deve dar-nos confiança e abrir o nosso coração ao Senhor, a fim de que venha e nos cure. Chamando os pecadores à sua mesa, Ele cura-os restabelecendo-os naquela vocação que eles julgavam perdida e que os fariseus tinham esquecido: a de convidados para o banquete de Deus. Segundo a profecia de Isaías: «O Senhor dos exércitos preparou para todos os povos, nesse monte, um banquete de carnes gordas, um festim de vinhos velhos, de carnes gordas, de vinhos velhos purificados... E naquele dia dirão: eis o nosso Deus, do qual esperamos a nossa libertação. Congratulemo-nos, rejubilemo-nos pelo seu socorro» (25, 6-9).

Comensais de Deus

Se os fariseus veem nos convidados somente pecadores e se recusam a sentar-se ao seu lado, Jesus ao contrário recorda-lhes que também aqueles são comensais de Deus. Deste modo, sentar-se à mesa com Jesus significa ser por Ele transformado e salvo. Na comunidade cristã, a mesa de Jesus é dupla: há a mesa da Palavra e a mesa da Eucaristia (cf. *Dei Verbum*, 21). São estes os remédios com que o Médico Divino nos cura e nos alimenta. Com o primeiro — a Palavra — Ele revela-se e convida-nos a um diálogo entre amigos. Jesus não tinha medo de dialogar com os pecadores, os publicanos, as prostitutas... Não, Ele não tinha

receio: amava todos! A sua Palavra penetra-nos e, como um bisturi, age em profundidade para nos livrar do mal que se oculta na nossa vida. Às vezes esta Palavra é dolorosa porque incide sobre as hipocrisias, desmascara as falsas desculpas, revela as verdades escondidas; mas ao mesmo tempo ilumina e purifica, dá força e esperança, é um precioso reconstituente no nosso caminho de fé.

Por sua vez, a Eucaristia nutre-nos com a própria vida de Jesus e, com um remédio poderosíssimo, de modo misterioso renova continuamente a graça do nosso Batismo. Aproximando-nos da Eucaristia, nós alimentamo-nos com o Corpo e Sangue de Jesus; e no entanto, entrando em nós, é Jesus que nos une ao seu Corpo!

Concluindo aquele diálogo com os fariseus, Jesus recorda-lhes uma palavra do profeta Oseias (6, 6): «*Ide e aprendei o que significam estas palavras: Eu quero a misericórdia e não o sacrifício*» (Mt 9, 13). Dirigindo-se ao povo de Israel, o profeta repreendia-o porque as preces que elevava eram palavras vazias e incoerentes. Não obstante a aliança de Deus e a misericórdia, o povo vivia frequentemente segundo uma religiosidade «*de fachada*», sem viver em profundidade o mandamento do Senhor. Eis por que razão o profeta insiste: «Eu quero a misericórdia», ou seja, a lealdade de um coração que reconhece os próprios pecados, que se arrepende e volta a ser fiel à aliança com Deus: «E não o sacrifício»: sem um coração arrependido, todas as obras religiosas são ineficazes! Jesus aplica esta frase profética também aos relacionamentos humanos: aqueles fariseus eram muito observantes na forma, mas não estavam dispostos a compartilhar a mesa com os publicanos e os pecadores; não reconheciam a possibilidade de um arrependimento e por isso de uma cura; não punham em primeiro lugar a misericórdia: embora fossem fiéis guardiões da Lei,

demonstravam que não conheciam o Coração de Deus! É como se te oferecessem um pacote com um presente e tu, em vez de ir ver o dom, olhasses somente para o papel com o qual ele foi embrulhado: só as aparências, a forma, e não o núcleo da graça, do dom que é oferecido!

Caros irmãos e irmãs, todos nós somos convidados à mesa do Senhor. Façamos nosso o convite a sentar-nos ao seu lado, juntamente com os seus discípulos.

Aprendamos a olhar com misericórdia e a reconhecer em cada um deles um nosso comensal. Somos todos discípulos necessitados de experimentar e viver a palavra consoladora de Jesus. Todos nós temos necessidade de nos alimentarmos da misericórdia de Deus, porque é desta fonte que brota a nossa salvação!

Homilia no X Domingo Comum A 1996

*Ide aprender o que significa: **prefiro a misericórdia ao sacrifício!** (Mt 9,13) Ide aprender, porque estais ainda longe do conhecimento de Deus. Apesar dos vossos sacrifícios, holocaustos, promessas, rituais, liturgias e procissões, estais longe da experiência íntima do amor de Deus. Estais longe de saboreardes a ternura do seu coração, de conhecerdes a profunda bondade com que vos ama!*

Ide aprender, porque julgais conquistar Deus pela força das vossas penitências ou demovê-lo pela exuberância dos vossos sacrifícios. E não sabeis que vos perdoa mesmo antes de pecardes, que o seu amor é mais potente que a traição, que a graça é mais forte que o pecado.

Ide aprender, porque imaginais Deus distante, irado, indiferente e pensais acordá-lo e atraí-lo à custa das vossas obras, do vosso culto, do cumprimento das vossas leis e tradições. E desconheceis o seu coração ternurento, acolhedor, pronto para o perdão, incapaz de não amar, porque louco de amor.

Ide aprender, porque vos julgais donos de Deus, administradores dos seus bens, seus eleitos, e não sabeis que o coração de Deus não tem fronteiras, que nas suas entranhas nutre por nós um amor materno, gratuito, invencível.

Ide aprender, porque o vosso coração conhece apenas a lei e não o amor, a obrigação e não a fé, a penitência e não a alegria, o sacrifício e não a misericórdia.

Tendes muito que aprender! Dirá Jesus a cada um de nós. Porque de Deus está longe o vosso olhar, distante o vosso coração, ressequida a vossa vida. «Porque eu

quero a misericórdia e não os sacrifícios, o conhecimento de Deus, mais do que todos os holocaustos»! (Oseias 6,6)

Na verdade, meus amigos, ninguém conhece a Deus, senão em relação com Ele. A ignorância de Deus é um problema **de sabedoria e não de ciência, um problema de coração e não de cabeça**. Ninguém aprende o amor, sem ser amado primeiro por Ele, ninguém sabe o que é o perdão se nunca o saboreou, ninguém é capaz de misericórdia se nunca a experimentou. **E só pode conhecer a misericórdia, o perdão, quem se sente amado por Deus, loucamente querido por Ele, pequeno diante d'Ele**. A amargura de tantas relações, o ressabiamento de muitos sentimentos, o ressentimento de inúmeras atitudes, denota um coração longe de Deus, um coração que desconhece o amor. Fora de Deus, o nosso amor «*é como o nevoeiro da manhã, como o orvalho da madrugada que logo se evapora*». Inconsistente, sem profundidade. Bem diferente é o amor de Deus: não falha, não se nega diante da nossa negação, oferece-se sempre, «*é certo como a aurora. Vem como aguaceiro de Outono*» refrescar o que está ressequido e «*como chuva de Primavera*» fertilizar a vida nova.

Ah se conhecêssemos a infinita misericórdia de Deus, irromperia, por certo, o nosso coração em pranto de arrependimento e cairiam por terra muros de pedra há tanto tempo erguidos dentro de nós e à nossa volta.

Procuremos conhecer o Senhor! (Oseias 6,3) Ele nos ama, não pelo nosso merecimento, mas porque é um *Deus rico em misericórdia*, de coração debruçado sobre a nossa miséria.

Ide aprender o que significa: Eu prefiro a misericórdia ao sacrifício! Porque nisto temos todos muito que aprender...

HOMILIA NO X DOMINGO COMUM A 1999

Missa Vespertina | Festa da vida – 8.º ano

Amor à primeira vista! Diríamos nós. «Jesus ia a passar, quando viu um homem chamado Mateus» (Mt.9,9)! O olhar de Jesus está primeiro. E o Seu coração misericordioso perdoa-o, antes mesmo da confissão do pecado. Jesus conhecia bem o coração “vendido” do cobrador de impostos. Adiantou-se a ele, com a oferta da misericórdia! E Mateus não teria nunca dinheiro nem sacrifício com que pagar um amor tão generoso. Seduzido pelo olhar misericordioso do Mestre, «levantou-se do posto de cobrança e seguiu Jesus» (Mt 9,9). Só um olhar de profundo amor, podia mexer com a vida de um homem, há tanto tempo «ali sentado»! Instalado, sem que nada previsse tamanha mudança em sua tão estranha forma de vida!

Depois deste «amor», que Mateus sentiu, à primeira vista, no olhar penetrante de Jesus, virá a fase do seguimento, o tempo do «conhecimento». Diz o próprio Evangelista, que Jesus estava em sua casa, à mesa, sem pedir contas dos seus pecados! Apenas, partilhando a alegria convivial da ceia, onde «palavra puxa palavra» e as vidas de um e de outro se fundem e confundem no mesmo amor, na mesma alegria, na partilha do mesmo pão e «de todo o coração». Mateus descobre Jesus, sem complicadas explicações! Chega ao conhecimento de Deus, sem grandes sacrifícios. O conhecimento de Jesus oferece-se ao apóstolo, **pelo tacto e pelo contacto** da sua vida com a d’Ele, pela sua **vivência e convivência** com Jesus.

Conhecer Cristo, não é, pois, um exercício de esforço mental, mas uma vivência sentida do amor, uma experiência de muito amar os outros, ao ser, por de mais, amado por Deus. “Deus é amor», dirá São João. E «quem não ama, não conhece a

Deus, porque Deus é amor» (1 Jo.4,8); «nisto se manifestou o amor de Deus: não fomos nós que amamos a Deus, foi Ele que primeiro nos amou e enviou o seu Filho como vítima de expiação pelos nossos pecados» (Jo. 4,10) ...

Caríssimos: estai atentos ao Cristo que passa pela vossa vida, que passa ali mesmo, no lugar do vosso estudo, do vosso convívio, da vossa casa. Passa, por ali, onde quer que estejais... quantas vezes sem futuro certo, em parte incerta. E olha-vos, com simpatia e amor. E chama-vos com ternura e firmeza. E desafia-vos a mudar a rota dos vossos caminhos, a perderdes a segurança das vossas escolhas. Respondei com generosidade. E haveis de conhecer o seu amor. Como Abraão, que não teve em conta os seus limites, mas se fiou à promessa dAquele que o chamava (cf. Rom.4,20-21).

Cristo é o único que não desiludirá nenhum de vós. Ele bate à porta e chama. Precisamente, a vós, jovens. Que, ao continuardes a vossa caminhada na fé, em grupo de catequese, mostrais que O quereis conhecer, que «sois fortes, porque a Palavra de Deus permanece em vós e vencestes o maligno» (1 Jo.4,14).

HOMILIA NO X DOMINGO COMUM A 1999

«Procuremos conhecer o Senhor!» (Os.6,3) Era este o desafio do profeta Oseias, oito séculos antes de Cristo, vinte séculos depois d'Ele. E concluía com apelo semelhante: «Eu quero o conhecimento de Deus, mais que os holocaustos» (Os.6,6b). Palavras que o próprio Cristo repetiu: «*ide aprender o que significa: eu quero a misericórdia e não o sacrifício*» (Os.6,6^a; Mt.9,13) . Eis que nos resta, para hoje, esta coisa tão simples como essencial: aprender a **conhecer** Deus!

Sim, aprender a conhecer Deus! Porque, em boa verdade, uma prática religiosa regular, cheia de sacrifícios e oferendas, não é, de por si, garantia de um conhecimento verdadeiro de Deus. Muitos daqueles que ofereciam animais em holocausto, ou frutos em oblação, não amavam ainda e verdadeiramente o Senhor. «*O seu amor é como a nuvem da manhã, como o orvalho matutino que logo se dissipa*» (Os.6,4), diz o profeta. É um amor infiel, que nos sacrifícios do templo, soa a falso como um voto a prazo, um gesto interesseiro e interessado, sem graça e sem fruto. Um culto hipócrita, típico do homem «muito religioso» que agora se ajoelha diante de Deus, para logo depois se vergar diante de um ídolo.

Oseias parece querer dizer algo de muito simples: que, sem a experiência do amor e da misericórdia, não há conhecimento de Deus. Um coração humano, por muito esforçado e piedoso que seja, se não sabe o que é ser amado, o que é e significa ser perdoado, não conhece o amor, não conhece Deus. São João, dirá, mais tarde, com enorme acerto: «*quem não ama, não conhece a Deus, porque Deus é amor*» (I Jo.4,8) ; «*nisto se manifestou o amor de Deus: não fomos nós que amamos a Deus, foi Ele que primeiro nos amou e enviou o seu Filho como vítima de expiação pelos nossos pecados*» (Jo.4,10) ...

Foi essa a experiência de Mateus. O olhar de Jesus está primeiro. E o seu coração misericordioso perdoa-o, antes mesmo da confissão do pecado. Jesus conhecia bem o coração “vendido” do cobrador de impostos. Adiantou-se a ele, com a oferta da misericórdia! E Mateus não teria nunca dinheiro, nem sacrifício, com que pagar um amor tão generoso. Seduzido pelo olhar misericordioso do Mestre, «levantou-se do posto de cobrança e seguiu Jesus». Só um olhar de profundo amor, um coração inclinado sobre tamanha miséria, podia mexer com a vida de um homem, há tanto tempo «ali sentado»!

O mesmo se diga de Abraão. Fiado na Promessa dAquele que o chamava, partiu. O sacrifício da sua vida foi total. Em vez dos frutos do rebanho, que podia tão facilmente oferecer, ele entregou a sua vida em sacrifício, pela salvação de muitos... E foi salvo, não pelo número dos seus sacrifícios, mas pela obediência da sua fé. Pela grandeza do amor de Deus, que primeiro o amou e nele fez grandes coisas!

A Eucaristia, que celebramos, é o sacrifício perfeito. Porque é o sacrifício de Cristo, que não ofereceu «touro nem cabritos», mas deu a sua vida e se entregou à morte por todos nós. É este «o sacrifício agradável a Deus», porque é a oblação de toda a Igreja, que unida a Cristo, oferece ao Pai um mesmo e único sacrifício de louvor.

Homilia no X Domingo Comum A 2002

1. Mais uma vez, à volta da mesa. É um lugar, de facto, muito querido a Jesus. Desde o milagre nas bodas de Caná, à intimidade da Última Ceia, passando ainda pelas aparições pascais, Jesus faz da mesa, do comer e do beber, do estar e do conviver, com os pecadores, uma escola prática de sabedoria evangélica, onde o verdadeiro saber começa pelo tomar o sabor da Palavra e da Vida.

Jesus chamou Mateus, do banco de trabalho, à mesa da fraternidade. Sem discursos, sem denúncias fiscais, Ele torna-se simplesmente o Hóspede. Entra em sua casa, para chegar ao centro da vida do apóstolo e chamar outros pecadores para a comunhão com Ele. É a experiência deste encontro amigo e desta relação de amor, a grande escola do conhecimento de Deus...

2. Aprende-se Deus, pelos vistos, sem as fórmulas do catecismo. Mais pelo tacto e contacto, pela vivência e convivência, pela relação e pela comunhão, pela experiência do pecado, da misericórdia e do perdão, do que pela simples prática regular da devoção. Não basta cumprir todos os ritos, leis e costumes da religião, se não há espaço para o amor e para a partilha com o irmão.

3. Caríssimos amigos: Depois das grandes festas, retomamos agora o Tempo Comum, o tempo do quotidiano, em que as surpresas de Deus, passam mais pelos lugares-comuns da nossa vida, quantas vezes à mesa do nosso trabalho, do que pela emoção dos grandes dias e acontecimentos. É um tempo longo, favorável à lenta aprendizagem de Deus. Tempo de melhor conhecer este Deus, revelado no rosto de Cristo, espelhado nas páginas do evangelho, presente na mesa da Eucaristia, Hóspede e Peregrino no meio de nós.

Valia a pena, por exemplo, tomar como guia deste caminho o evangelho segundo São Mateus, lê-lo e meditá-lo, dia a dia, fio a pavio, para aprender o que significa realmente: «prefiro a misericórdia ao sacrifício». É um bom trabalho de casa!

HOMILIA NO X DOMINGO COMUM A 2005

mais breve

1. Está o caldo entornado! Jesus entrou, de surpresa, em casa de um publicano, chamado Mateus. E, em vez de cumprir as regras da pureza e da boa mesa, parece disposto a pôr tudo de pernas para o ar! O convidado de Mateus, comporta-se, como um verdadeiro anfitrião! Senta-se à mesa e logo «chama os pecadores»! «Vieram sentar-se com ele muitos publicanos e pecadores», regista o próprio evangelista, ali chamado! Jesus prefere a misericórdia do coração, à fria pureza dos ritos legais! Depressa O acusarão de «acolher os pecadores e de comer com eles»! (Lc.15,1-2).

Ao comer com os pecadores, Jesus mostra, numa espécie de parábola ao vivo, o que é a sua missão, a de aproximar e de reconciliar todos os homens com Deus e entre si. Manifesta assim a largueza do coração de Deus, e o seu amor gratuito e preferencial pelos mais pobres, pelos desgraçados, pelos marginais, pelos esquecidos, pelos abandonados, pelos indesejados, pelos excomungados, pelos estrangeiros, pelos infiéis à pátria ou sem religião!

Para os judeus, que gostavam da boa ordem e de uma clara separação entre pecadores e mercedores, esta é uma mistura explosiva, o caos absoluto! Esta convivialidade de Jesus era, para eles, um verdadeiro murro no estômago! Mas, para Jesus, comer com os pecadores era um sinal mais de inclusão, de um largo espaço aberto por Deus, a todo o homem, nosso irmão, ao diferente, ao de outra condição!

2. Comer à mesa e fazer a festa com os publicanos e pecadores, era, para o Mestre, em última análise, franquear a todos, e desde já, as portas do Reino! Ali, não come, quem tem direito ou quem merece! Come quem precisa e a quem apetece! O pão é dado a quem é capaz de o comer, até de mãos sujas! A esperança do grande

banquete da eterna comunhão, não é mais uma miragem! É promessa já a cumprir-se, porque o Reino de Deus enfim chegou!

3. Quase diríamos – irmãos - que Jesus foi crucificado pela forma como comia! E, não por acaso o sacrifício da redenção, a obra de remissão dos pecados, é celebrada, por antecipação, precisamente, à volta de uma mesa, na última Ceia, com os Doze! Nesse sentido, a Eucaristia torna-se não apenas o banquete de convivialidade, mas também o sacrifício da nossa salvação, oferecida a todos!

4. Caríssimos irmãos, devíamos, a partir da Eucaristia, como banquete e sacrifício de comunhão, oferecida a todos, pensar na vasta largueza das portas da nossa missão, no dever do serviço humilde e gratuito a todos, da casa e da mesa aberta aos mais distantes, aos diferentes e aos «difíceis», àqueles mesmos, que nos escandalizariam, se os víssemos na “fila” para a comunhão! A Igreja, há de dilatar o seu coração, para se tornar comunidade de inclusão, e nunca, um grupo fechado, sempre pronto a afastar e a excluir!

5. Hoje, mais na praça do que no Templo, a troco de uma falsa pureza, alguns, se pudessem, reservariam a mesa, só para os de casa, para os alinhados, para os habituais e para os habituados! E faziam da Hóstia da comunhão, um “prémio de distinção”, para os melhores batizados. Depressa, a casa aberta e comum da Igreja-Mãe, se transformaria numa seita de bem-comportados!

Para esses, o repto de Jesus continuará a provocá-los e a escandaliza-los: «Ide aprender o que significa: prefiro a misericórdia ao sacrifício»...

HOMILIA NO X DOMINGO COMUM A 2005

mais longa

1. Está o caldo entornado! Jesus entrou, de surpresa, em casa de um publicano, chamado Mateus. E, em vez de cumprir as regras da pureza e da boa mesa, parece disposto a pôr tudo de pernas para o ar! O convidado de Mateus, comporta-se, como um verdadeiro anfitrião! Senta-se à mesa e logo «chama os pecadores»! «Vieram sentar-se com ele muitos publicanos e pecadores», regista o próprio evangelista, ali chamado! Jesus prefere a misericórdia do coração, à fria pureza dos ritos legais! Depressa O acusarão de «acolher os pecadores e de comer com eles»! (Lc.15,1-2).

Ao comer com os pecadores, Jesus mostra, numa espécie de parábola ao vivo, o que é a sua missão, a de aproximar e de reconciliar todos os homens com Deus e entre si. Manifesta assim a largueza do coração de Deus, e o seu amor gratuito e preferencial pelos mais pobres, pelos desgraçados, pelos marginais, pelos esquecidos, pelos abandonados, pelos indesejados, pelos excomungados, pelos estrangeiros, pelos infiéis à pátria ou sem religião!

Para os judeus, que gostavam da boa ordem e de uma clara separação entre pecadores e merecedores, esta é uma mistura explosiva, o caos absoluto! Esta convivialidade de Jesus era, para eles, um verdadeiro murro no estômago! Mas, para Jesus, comer com os pecadores era um sinal mais de inclusão, de um largo espaço aberto por Deus, a todo o homem, nosso irmão, ao diferente, ao de outra condição!

2. Comer à mesa e fazer a festa com os publicanos e pecadores, era, para o Mestre, em última análise, franquear a todos, e desde já, as portas do Reino! Ali, não come, quem tem direito ou quem merece! Come quem precisa e a quem apetece! O pão é dado a quem é capaz de o comer, até de mãos sujas! A esperança do grande

banquete da eterna comunhão, não é mais uma miragem! É promessa já a cumprir-se, porque o Reino de Deus enfim chegou!

3. Quase diríamos – irmãos - que Jesus foi crucificado pela forma como comia! E, não por acaso o sacrifício da redenção, a obra de remissão dos pecados, é celebrada, por antecipação, precisamente, à volta de uma mesa, na última Ceia, com os Doze!

4. Irmãos e irmãs: “não há dúvida, de que a dimensão mais evidente da Eucaristia seja a do Banquete. A Eucaristia nasceu, na noite da Quinta-feira Santa, no contexto da Ceia Pascal. Por conseguinte, leva inscrito na sua estrutura o sentido da convivialidade, onde todos são convidados a comer e a beber!” (Mt.26, 26.27)” (João Paulo II, MND 15).

“Mas a Eucaristia – queridos irmãos - não é apenas uma refeição entre amigos, reunidos para comemorar a última Ceia do Senhor, mediante a partilha do pão” (Card. Ratzinger). “Não se pode esquecer que neste banquete, Cristo torna presente para nós o sacrifício realizado uma vez por todas [e por todos] no Gólgota” (João Paulo II, MND, 15).

Na prática, isto quer dizer, que a salvação universal, que é fruto do sacrifício de Cristo, na Eucaristia, se estende a todos os homens, aos presentes e aos ausentes, aos vivos e aos mortos, aos próximos e aos distantes, aos comungantes e aos não praticantes! Devemos tomar consciência de que, exatamente por ser sacrifício de reconciliação do Sangue derramado «por vós e por todos, para a remissão dos pecados», a Eucaristia, mantém o seu valor, mesmo quando, porventura, na própria celebração, não se está em condições de receber a Hóstia consagrada da comunhão!

E o não poder comungar, não devia, por isso, constituir uma espécie de estigma de ex-comunhão. Na verdade, “se a Eucaristia fosse apenas o banquete de uma comunidade de amigos, então quem não pudesse comungar, sentir-se-ia realmente excluído dessa fraternidade. Mas como esta refeição fraterna é, ao mesmo tempo, celebração do sacrifício do Senhor, isso quer dizer que ela tem força e eficácia em si mesma, para quem se une a este sacrifício pela fé. Então, mesmo aquele que não puder comer esse Pão, participa igualmente, embora na sua medida, dos dons oferecidos a todos os outros!”

5. Caríssimos irmãos, devíamos, a partir daqui pensar na vasta largueza das portas da nossa missão, no dever do serviço humilde e gratuito a todos, da casa e da mesa aberta aos mais distantes, aos diferentes e aos «difíceis», àqueles mesmos, que nos escandalizariam, se os víssemos na “fila” para a comunhão! A Igreja, há de dilatar o seu coração, para se tornar comunidade de inclusão, e nunca, um grupo fechado, sempre pronto a afastar e a excluir!

Hoje, mais na praça do que no Templo, a troco de uma falsa pureza, alguns, se pudessem, reservariam a mesa, só para os de casa, para os alinhados, para os habituais e para os habituados! E faziam da Hóstia da comunhão, um “prémio de distinção”, para os melhores batizados. Depressa, a casa aberta e comum da Igreja-Mãe, se transformaria numa seita de bem-comportados!

Para esses, o repto de Jesus continuará a provocá-los e a escandaliza-los: «Ide aprender o que significa: prefiro a misericórdia ao sacrifício»...

Homilia no X Domingo Comum A 2008

Ide aprender o que significa: prefiro a misericórdia ao sacrifício! (Mt.9,13)

1. *Ide aprender, porque estais ainda longe de conhecer Deus!* Dirá Jesus aos convencidos fariseus. Apesar dos vossos sacrifícios, holocaustos, promessas, rituais, liturgias e procissões, como disse outrora o Profeta Oseias, estais ainda muito longe da *experiência íntima e cordial do amor de Deus*. Estais longe de saboreardes a ternura do coração de Deus, de conhecerdes a profunda bondade com que este Deus vos ama! Este Deus, que se revela em Mim, - dirá Jesus - não é apenas o vosso Criador, aquela força divina, aquele espírito inteligente, que organiza, move e sustenta o mundo, mas é também e sobretudo Coração! Deus é *“Aquele que vos ama, com toda a paixão de um verdadeiro Amor”* (DCE 10)! E ama-vos, não porque o mereçais; ama-vos, não porque primeiro lhe correspondais! Ama-vos por Amor! Mais, *este Deus, que vos ama pessoalmente, também anseia e espera como resposta o vosso amor!*

2. *Ide aprender o que significa: prefiro a misericórdia ao sacrifício! (Mt.9,13)* Ide aprender, dirá Jesus, porque julgais *“conquistar Deus”*, pela força das vossas penitências, demovê-lo ou comovê-lo pelo espetáculo dos vossos sacrifícios. E não sabeis que este Deus vos perdoa, mesmo antes mesmo de pecardes, que o seu amor é mais potente que a vossa traição, que a sua graça é mais forte que o vosso pecado. Disse Bento XVI: *«O amor apaixonado de Deus pelo homem é, ao mesmo tempo, um amor que perdoa. E é tão grande, que chega a virar Deus contra Si próprio, o seu amor contra a sua justiça»* (DCE, 10). Por outras palavras, Deus acaba por nunca vos tratar segundo uma lógica de justiça, uma vez que os vossos méritos, por maiores que pudessem ser, não chegariam nunca a valer de nada! Deus trata-vos segundo a largueza da sua misericórdia e a grandeza da sua fidelidade. Ele ama-vos também na queda, e então não vos abandona, antes vos procura, como à ovelha perdida. *«No*

abismo do fracasso humano, dá-se o caso de se mostrar o abismo ainda mais profundo do amor divino»!

3. *Ide aprender a conhecer Deus*, porque o vosso coração conhece apenas o dever da lei e não o impulso do amor, conhece porventura a penitência e não a alegria, conhece o sacrifício e não a misericórdia. Sem a experiência da misericórdia que recai sobre ti, não há conhecimento de Deus. O teu coração humano, por muito esforçado e piedoso que seja, se não sabe o que é ter pecado e ainda assim ser perdoado, se não sabe o que é não o merecer e ainda assim ser amado, se não sabe o que é não valer nada e, apesar de tudo, ser atraído por Deus, se não sabe o que é sentir-se perdido e só em Deus ser encontrado, se não sabe o que é estar condenado e só por Deus estar a salvo, se não conhece o excesso e a loucura deste amor, com que Cristo te amou e Se entregou a si mesmo por ti, não conhece a Deus! São João, dirá, mais tarde, com enorme acerto: *«Nisto se manifestou o amor de Deus: não fomos nós que amamos a Deus, foi Ele que primeiro nos amou e enviou o seu Filho como vítima de expiação pelos nossos pecados»* (Jo.4,10).

4. A mim parece-me que um certo *abandono silencioso da fé e da Igreja* vem desta terrível ilusão de que não temos pecado e por isso não precisamos de perdão; vem desta presunção de que se temos porventura algum pecado, nos salvaremos pelas nossas mãos... Neste estado, em que nos julgamos sãos, não precisaremos de médico; e então não teremos hipótese de cura. Deus deixará de ter interesse, e de ser o único necessário, se eu vier a perder a noção da minha pobreza, do meu pecado, da minha insuficiência. Também, muitos de nós, cá dentro da Igreja, nos convencemos, que por nós e pelos nossos merecimentos, salvaremos a nossa vida. Ora, meus irmãos: nós não demos a nós próprios a vida, como não nos damos, a nós próprios o perdão, como não nos daremos a nós mesmos a salvação e a vida eterna! Ou sentimos esta abissal miséria e gritamos, como Pedro, Paulo e tantos outros:

«salva-me, Senhor», «ai de mim que sou um homem pecador» ou Deus não nos faz falta nenhuma e andamos para aqui, a correr, como quem lhe faz um favor! Só quem conhece a Deus, conhece a necessidade absoluta que tem d'Ele. Porque quanto mais perto da grandeza de Deus, mais clara se torna a nossa pequenez.

5. *Conhecer Deus não é uma questão de saber, mas de amar.* No início da nossa fé cristã não está, em primeiro lugar, uma ideia generosa a que se adere, ou uma decisão moral corajosa que se toma, mas o conhecimento e a experiência pessoal, deste amor, que Deus nos tem! Podemos mesmo resumir o essencial da nossa fé, nas palavras de São João, “*nós conhecemos e acreditamos no amor que Deus nos tem*»! Quando este amor nos tocar, também nos transformará o coração e nos tornará capazes de amar como Deus ama e de amar a todos os que Deus ama! Quando este amor de Deus me atingir, vou perceber que a minha parte boa é toda de Deus. E que, para a outra parte, só a sua misericórdia nos há de valer!